

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano VI

JANEIRO-MARÇO DE 1944

N.º 1

COMÉRCIO AMBULANTE E OCUPAÇÕES DE RUA NO RIO DE JANEIRO

Prof. Everardo Backheuser

Consultor técnico do Conselho
Nacional de Geografia

O comércio empresta marcante fisionomia à paisagem cultural das localidades. Principalmente nas grandes cidades. Quer se acumule no centro urbano; quer se dissemine irregularmente pelos arrabaldes e subúrbios como nódulos de passados gloriosos ou estimulantes para adensamentos maiores; quer, finalmente, se espalhe pelas ruas, praças, galerias e gares na mercância ambulante de produtos vários.

Nesse ensaio procuraremos focalizar apenas êste último aspecto — o comércio ambulante —, deixando para ulteriores oportunidades a análise do comércio sedentário da capital do Brasil. Como a importância do “ambulante” está na vivacidade que imprime ao panorama urbano, trataremos também, conjuntamente com êsse comércio, de algumas outras “ocupações” de rua não incluídas naquela categoria econômica.

Há, sem dúvida, em tôda parte do mundo o comércio ambulante para certos gêneros. O jornaleiro, o *camelot*, o vendedor de flores ou de refrescos e muitos outros são figuras vistas nos logradouros de tôdas as cidades importantes.

Temos, porém que em poucos lugares haverá a multiplicidade e variedade existentes no Rio de Janeiro. Não há aqui, como em outras latitudes, limitações a êsse gênero de trabalho. As estações do ano não tolhem o homem dos trópicos. Salvo quando os temporais desabam alagando as ruas, os “ambulantes” permanecem em suas atividades resistindo com bravura ao calor excessivo e à umidade friorenta. Além disso, ou por isso mesmo, durante todo o ano seus pregões enchem o ar, altos, estridentes, característicos, em contínuos chamamentos à freguesia. Só essas duas circunstâncias — o pregão e a continuidade do trabalho — bastariam para tornar interessante o estudo desses mercadores que tão tipicamente distinguem nossa cidade de inúmeras outras. Sucede, porém, que o comércio ambulante toma no Rio de Janeiro feição peculiar por algumas outras razões decorrentes da policromia de artigos que abraça, da multiplicidade de modos de lhes fazer a venda, da maneira variada de transportá-los ou apregoá-los.

Apesar de tudo isso os ambulantes formam esquecido setor na antropogeografia. Esta, uma das razões de tentarmos seu estudo. Para realizar o inquérito em mais vasta escala, valemo-nos da cooperação de dedicado grupo de alunos da Faculdade Católica de Filosofia cujo eficiente trabalho nos foi de grande auxílio no preparo desta monografia. Iremos aqui e ali sublinhando essa colaboração.

O estudo em caráter científico dos ambulantes comporta subdivisões que podem ser as seguintes:

- a) natureza e classificação dos serviços que prestam
- b) horário de trabalho
- c) idade, côr, sexo e nacionalidade dos mercadores
- d) tipo de transporte adotado
- e) tipo de pregão
- f) restrições, proibições e impostos determinados pela municipalidade
- g) evolução histórica dos ambulantes.

**Classificação dos ambulantes,
segundo os serviços que
prestam**

O comércio de ambulantes no Distrito Federal está regulado pelo Decreto n.º 4 610, de 2 de janeiro de 1934.

Estabelece êsse decreto o quadro oficial, em ordem alfabética, dos ambulantes cariocas que pagam impostos e dos quais, portanto, é possível para a Municipalidade organizar estatísticas. Constituem 134 espécies. Além dêsses que entram nas sinopses oficiais das estatísticas da Prefeitura, outros podem ser computados:

a) os legalmente isentos de contribuição pecuniária ao fisco, por exemplo, os vendedores de bilhetes de loteria, em virtude do contrato da Companhia com o Govêrno Federal;

b) os que exercem função pública (lixeiros, carteiros, estafetas do telégrafo);

c) os que òbviamente não se poderiam licenciar (mendigos, trapeiros);¹

d) os que exercem clandestinamente suas atividades (bicheiros, e inúmeros outros que, embora dentro do quadro legal, conseguem com habilidade fugir aos rigores da fiscalização policial e municipal).

Por tôdas essas circunstâncias as tabelas estatísticas municipais são incompletas. Nem por isso deixaram de nos prestar excelente serviço aquelas que o Departamento de Geografia e Estatística (D.G.E.) da Prefeitura Municipal organizou a nosso pedido para o ano de 1942.

Como no desenvolver dêste artigo teremos necessidade de aludir a certas designações genéricas dos nossos ambulantes, é a propósito

¹ Agora, no período de guerra, o trapeiro está fazendo negócio altamente lucrativo

transcrever o que a lei define como sendo permitido ao comércio ambulante dentro de cada uma dessas espécies genéricas. A discriminação legal é a seguinte:

Armarinho e fazenda — (correspondendo àquilo que vulgarmente era chamado há alguns anos de *mascate*): agulhas, dedais, alfinetes, grampos, linhas, lãs em fio, fitas, botões, talagarças, colchêtes, cadarços, e fazendas em geral, de qualquer qualidade, em peças, cortes, ou retalhos, desde que não tenham qualquer parte confeccionada.

Objetos para escritório — papel de qualquer qualidade, lápis, penas, canetas, réguas, pregadores, colchêtes para papel, mata-borrão, cadernos ou livros em branco, lapiseiras, canetas-tinteiro.

Perfumaria — extratos, loções para cabelo, sabonetes, pó de arroz, arminho, dentríficos, e qualquer solução para higiene da bôca ou própria para *toilette*, pentes, escôvas para dentes, cabelo e roupa.

Quitanda — legumes, verduras, e frutas do país.

Roupas brancas e de cama — toalhas de banho e rosto, lenços, roupões, camisas de dia e noite, punhos, colarinhos, ceroulas, pijamas, saias brancas e corpinhos, colchas e lençóis, guardanapos, fronhas, cobertores e atoalhados para guarnição de leito e mesa (*Interessante reparar que apesar de ser o decreto de data recente — 1934 — figuram neste item vestuários já caídos em desuso — “ceroulas, saias brancas, corpinhos, camisas de noite” — e não estão arrolados outros atualmente de uso freqüente: “cuecas, combinações”*).

Roupas feitas — tôda roupa para homens, senhoras ou crianças não compreendidas na classe das “confeções e artigos de luxo”.

Confeções e artigos de luxo — vestidos de sêda, cetim, cambraia, linho ou outro tecido fino, renda ou bordado, para senhoras e crianças, pijamas, roupões, combinações, camisas de dia e noite, saias ou corpinhos também de sêda, cambraias, linhos, renda ou bordados, lenços finos rendados, roupa para cama e mesa, de linho ou com bordado, acolchoados ou rendados, para guarnição de leito ou de cama.

*

A classificação dos ambulantes por nós apresentada abaixo está baseada nos princípios formulados por ERNST FRIEDERICH, isto é, estão arrolados segundo as *necessidades do homem*, a saber: *alimentação, vestuário, habitação e gôzo*. Tomamos para arcabouço da nossa classificação as espécies constantes da lista oficial, a que juntamos elementos, que, pelas razões acima, a ela escaparam. Cada qual das chaves propostas comporta subdivisões, compreensíveis à simples vista e que por isso julgamos desnecessário justificar.

Conjuntamente com a classificação damos, entre parênteses, *as cifras indicadoras das quantidades* dêsses ambulantes com funcionamento *legalmente* autorizado no Distrito Federal.

Ficam pois, pelo forma abaixo, classificados os ambulantes cariocas:

A — VENDEDORES DE ARTIGOS PARA ALIMENTAÇÃO

Os artigos para alimentação podem ser:

a) de origem animal:

peixe, vendido em cêstos (68); peixe vendido em veículo apropriado (155)²; ovos (35); salsichas e lingüiças (14); leite (615); manteiga (6); queijos (8) mel de abelha (1); miúdos de reses (158).

b) de origem vegetal:

amendoim (9)³; baleiro (84); batatas, em auto caminhões (1); biscoitos e doces (6); café moído (8); caldo de cana (1)⁴; cana em veículos (1)⁵; canjica (3); cebolas e alhos (3); conservas (1); frutas (19); frutas em carroças apropriadas (15); frutas em veículo (151)⁶; melado e rapadura (2); pão (mercador de) (5) (não estão incluídos os padeiros, aos quais em particular nos referimos em *nota*); pipoca (183); verduras e frutas (82); verduras em veículos (142)⁷; verduras em cêsto (14) (não estão incluídos os entregadores de quitanda, dos quais nos ocuparemos na *nota* abaixo).

c) de origem mineral:

águas minerais (8).

d) mistos, ou seja de origem animal, vegetal e mineral.

angu (5); cachorro-quente (2); doces, empadas e pastéis (245); refrescos (14); sorvete, em cabeça (140); sorvete em veículo (17).

Nota: As categorias supra indicadas é razoável incluir os “entregadores de casas comerciais”. Figuram eles na estatística oficial sob o título “caixas, caixotes, bôlsas e tabuleiros” com a alta cifra de 3 915 indivíduos. A propósito desses entregadores fazemos no parágrafo sobre *idade dos ambulantes* algumas considerações. Todos esses 3 915 entregadores devem porém, evidentemente ser computados como pertencentes a esta primeira chave (alimentação) da classificação de ambulantes, pois que pertencem em quase totalidade a armazéns ou vendas de secos e molhados, a quitandas, leitarias, padarias ou açougues. São assim incluídos globalmente na chave, por ser impossível parcelá-los pelas diversas subdivisões, à falta de indicações estatísticas correspondentes.

Há um ambulante de guloseimas que não figura na pauta fiscal, provavelmente classificado em alguma espécie mais geral (*doces*, por ex). Queremos aludir ao “algodão-de-açúcar” a nosso ver tipicamente diferente de qualquer outro *doce*. Tem veículo apropriado à sua fabricação, dotado de mecanismo capaz de produzir corrente de ar (sôpro) destinado a dar à calda do açúcar o aspecto de flocos de algodão

² Esse número (155) é u'a média aritmética deduzida das licenças mensais que no D G E. da Prefeitura só foram apuradas com segurança até o mês de agosto (ano 1942). Interessante é notar que nos distritos francamente fora da zona urbana (Jacarepaguá, Realengo, Campo Grande e Santa Cruz, respectivamente 12°, 13°, 14° e 15° distritos) não consta, durante todo o ano de 1942, licenciamento de um só ambulante para vender “peixe em veículo apropriado”

³ Vêde considerações no parágrafo adiante em que é estudada a “idade dos ambulantes”

⁴ Trata-se de caldo de cana frio. Sobre caldo de cana quente vêde adiante o capítulo “Evolução dos ambulantes”

⁵ Trata-se segundamente de cana não descascada. Da cana “em roletes”, não há notícia no quadro atual dos impostos. Vêde “Evolução” (a aparecer em outro número da REVISTA)

⁶ Vêde a nota acima sobre “peixe em veículo apropriado”. Não houve, para “frutas em veículos” (impôsto mensal), licenciamento em 1942 nos 12° e 15° distritos (Jacarepaguá e Santa Cruz)

⁷ Aplica-se aqui a mesma observação apresentada sobre “peixe em veículo”, salvo a parte final, pois nos distritos suburbanos também houve licenciamento

Em resumo:

O total de ambulantes licenciados no Rio de Janeiro para venda ou entrega de produtos alimentícios é, pois, a seguinte em 1942:

a) alimentos de origem animal	1 060
b) alimentos de origem vegetal	730
c) alimentos de origem mineral	8
d) alimentos mistos	423
e) entregadores diversos	3 915
	6 136

B — VENDEDORES DE ARTIGOS DE VESTUÁRIO

Os artigos de *vestuário* são:

bólsas de couro (1); calçado (5); chapéus-de-sol e sombrinhas (108); cintos (7); confecções e artigos de luxo (40); fazenda e armarinho (290)⁸; gravatas (33); meias (14); peles preparadas (2); rendas (17), roupas brancas e de cama e mesa (76)⁹; roupas feitas (46)¹⁰.

O total de ambulantes ocupados com o comércio de artigos de *vestuário* pode ser assim computado em: 643 ambulantes.

C — VENDEDORES DE ARTIGOS PARA HABITAÇÃO

Esta chave geral comporta variada e, de certo modo, difícil discriminação:

a) *roupas de cama e mesa* ¹¹

atoalhados e panos de mesa (48)

b) *de higiene e emprêgo diário*

abanos (1); água sanitária (24); barbante (2); carvão (7); encedadeiras (18); linha (21); sabão comum (5); vassouras, espanadores e objetos de vime (48); sacos (35); garrafas (144),¹²

c) *jardim e chácara*

plantas (23)¹³; sementes (1); areia (1)¹⁴.

d) *ornamentação*

⁸ Corresponde mais ou menos ao antigo *mascate*

⁹ A impossibilidade de distinguir nesta espécie — roupas brancas e de cama e mesa o que é destinado a *vestuário* ou a *habitação*, leva-nos a incluir todos os ambulantes dessa rubrica em nossa segunda chave, por serem de objetos a ela pertencentes a maioria dos que são por eles vendidos

¹⁰ Nesta espécie estão incluídos segunamente os *vendedores* de "roupas novas" e os *compradores* de "roupas usadas"

¹¹ Vêde a observação feita a propósito da espécie "*roupas brancas e de cama e mesa*" na chave anterior — *vestuário*

¹² Trata-se do comprador de *garrafas vazias*

¹³ Estão incluídas as *flores naturais*

¹⁴ Para venda de *areia* existe um único registro, e êsse em Copacabana Trata-se, seguramente de algum emprêgo muito restrito desse material em uso doméstico. As "quitandas fixas" em regra o têm como artigo de seu comércio

objetos de metal (15)¹⁵; espelhos e quadros (15); figuras de gesso e barro (4); flores artificiais (13); flores naturais¹⁶; fôlhas de Flandres e objetos esmaltados (27); gaiolas e objetos de arame (2); jarros de barro (1); louças de barro (3); tapêtes (12); móveis (1).

e) *reparo de objetos*

empalhador de cadeiras (6); soldador (3); amolador (52).

Apurando esta chave, atinge-se a cifra de 523 ambulantes. Seguramente muitos outros há, mas funcionando como clandestinos (sem licença).

D — VENDEDORES DE ARTIGOS DE GÔZO, E OUTRAS OCUPAÇÕES SOCIAIS

Nesta presente chave são incluídos os objetos e serviços que possam de qualquer modo dar gôzo ou facilitar a vida. Aqui apenas figuram os que não hajam sido incluídos com mais propriedade nas outras chaves:

a) *infantis:*

bolas (10); brinquedos (4); artigos para colegiais (3).

b) *pequenos vícios:*

charutos e cigarros (4); cachimbos e piteiras (1); fósforo ou isqueiro (2).¹⁷

c) *higiene e luxo:*

jóias de ouro e prata (3) (compradores de jóias usadas); moldes (2); relógios (6); pasta dentifrícia (11); perfumarias e óleos finos (2).

d) *intelectual:*

livros e fascículos (8).

e) *homenagens a mortos:*

flores para finados (48); coroas fúnebres e objetos funerários (2); velas para finados (1).

f) *gôzo coletivo:*

realejos (5); músicos (3).¹⁸

¹⁵ Trata-se, em regra, de compradores de objetos de chumbo, cobre, alumínio e outros metais

¹⁶ O vendedor de "flores naturais" não constitui espécie à parte; faz o seu comércio juntamente com o de "plantas", nome pelo qual é classificado pelo fisco

¹⁷ Vêde na parte descritiva o histórico da venda de fósforos por ambulante (artigo a aparecer em outro número desta REVISTA)

¹⁸ Tempo houve no Rio em que bandas de música percorriam as ruas, vivendo das dádivas dos ouvintes

g) *serviços sociais*:¹⁹

carteiros (1 062); mensageiros do telégrafo (573); lixeiros de lixo domiciliares (457); limpadores de rua (1 127); trapeiros²⁰; carregadores (94); propagandistas (5)²¹; entregas de folhetos a domicílio (3); vendedores de bilhetes de loteria (976); jornaleiros: garotos (150, maiores (cêrca de 2 000) a serviço de 279 bancas.

h) *diversos*:²²

quinquilharias (154); fotógrafos (27); preparados químicos (2); brindes (2).²³

O total dos ambulantes constante desta chave é de 6 747, cifra aparentemente elevadíssima em relação às das demais categorias gerais. Convém portanto separá-los em seus três principais grupos componentes.

Ambulantes pròpriamente ditos, sujeitos a impostos municipais	402
Ambulantes de caráter oficial (carteiros, lixeiros, esta-fetas)	3 219
Ambulantes que não pagam impostos municipais . . .	3 126

Reunindo, para *apuração final*, os ambulantes do Distrito Federal, teremos:

Para artigos de <i>alimentação</i>	6 136
Idem de <i>vestuário</i>	675
Idem para <i>habitação</i>	523
Idem para <i>gôzo e facilidade da vida</i>	6 747
	<hr/>
	14 081

Para que o leitor tenha, em conjunto, idéia do vulto de cada um dos ramos do comércio ambulante, apresentamos abaixo a lista dos licenciados, segundo a ordem de *quantidade de mercadores* (dos que pagam impostos):

¹⁹ Os dados abaixo, constantes dêste item, foram oficialmente obtidos no Departamento de Correios e Telégrafos (para carteiros e mensageiros); na Limpeza Pública da Prefeitura Municipal (para lixeiros e limpadores de rua); na Fiscalização da Loteria Federal (para os vendedores de bilhetes); na Associação Brasileira de Imprensa (para jornaleiros, garotos e maiores e bancas de jornais)

²⁰ Não há estatísticas de *trapeiros*

²¹ É o nosso *camelot* Todos que vivemos no Rio bem sabemos que são muito mais que 5

²² Nesta subdivisão incluímos tôdas as espécies difíceis de incluir em alíneas anteriores

²³ Esta espécie caracteriza a distribuição, em regra gratuita, de ofertas (brindes) que sob a forma de objetos, cromos, etc as casas comerciais distribuem para propaganda

Entregadores de casas comerciais	3 915
Leite	615
Fazendas e armarinho	290
Doces, empadas e pastéis	245
Verduras (em tabuleiro, cêsto ou veículo)..	238
Peixe (em cêsto ou veículo).....	223
Pipocas	183
Frutas (em tabuleiro ou veículo)	170
Miúdos de reses	158
Quinquilharias	154
Garrafas vazias	144
Sorvetes	157
Chapéu-de-sol	108
Carregador ou ganhador	94
Baleiro	84
Roupas brancas e de cama e mesa	76
Amolador	52
Flores para finados	48
Vassouras e espanadores	48
Atoalhados	48
Roupas feitas	46
Confecções	40
Sacos	35
Ovos	35
Gravatas	33
Fotógrafo (na zona urbana)	27
Artefatos esmaltados	27
Água sanitária	24
Plantas	23
Lenha	21

E outros em menor quantidade, conforme se verifica das listas da classificação acima, cuja discriminação fizemos.

Horário dos ambulantes O ambulante carioca, funciona durante o ano inteiro, isto é, não depende das estações. Nos países de clima frio, com períodos sazonais bem diferentes, o comércio de rua se adapta às estações. As famosas *vendeuses des quatre saisons* de Paris são exemplo bem conhecido. Consoante as variações anuais de temperatura e condições climáticas decorrentes, ambulantes desaparecidos desde o ano anterior, surgem de novo, ou, então, a impressão que se tem, particularmente no inverno, é que se sumiram todos. A tudo de fato, nesses lugares, as estações do ano dão o ritmo da vida, inclusive, portanto, ao comércio, em particular ao comércio ambulante. Entrásseis na Alemanha no comêço da primavera e verieis por tôda parte, como motivo decorativo, e em guloseimas de açúcar, e chocolate, em massa de amêndoa, o besouro — *Maikaeffer* — que, a essa época, faz também seu aparecimento no cenário da natureza.

Já no Rio, no Brasil, isso não sucede. Região tropical, de um só tom climático, ela é, também, monótona tanto na exuberância contínua das florestas quanto na uniformidade permanente dos ambulantes. São os mesmos, com pequeníssimas variações durante o ano inteiro. Quando desaparecem é para não mais ressurgirem: passaram de moda. E com a volubilidade também característica dos trópicos, que desama a tradição, muitos desses ambulantes surgem por influência de gostos passageiros e com igual facilidade, portanto, somem, e deles nem lembrança guarda a população. Dêsses casos teremos de dar exemplos em parágrafo ulterior, ao descrevermos a “evolução histórica do ambulante”.

O ambulante carioca pode trabalhar durante todo o ano. Não o pode fazer, porém, durante o dia todo. Seu horário de funcionamento está fixado em lei. É de 6 às 18 horas apenas, e somente nos dias úteis. Há todavia exceções. Umas, restritivas; outras, ampliativas.

Tem o horário alargado para todos os dias, inclusive domingos e feriados, e estendido até às 22 horas, os vendedores de certos alimentos: angu, balas, biscoitos, canjica, doces, empadas, pastéis, sorvetes, refrescos, mingaus, tremoços, amendoim, caldo de cana e pipocas.

Aos domingos têm licença de trabalhar até 12 horas os de: aves de alimentação, quitanda, frutas, ovos, plantas, mel, melado, rapadura, charutos e cigarros.

Os de leite e manteiga só podem funcionar de 5 às 7 horas, mas têm consentimento de fazê-lo dentro desse horário também aos domingos e feriados. Os ambulantes de frutas e legumes em carrocinha podem vender aos domingos e feriados até 13 horas, mas apenas fora da parte comercial da cidade, isto é, da área limitada pela avenida Rio Branco, praça Floriano, rua 13 de Maio, largo da Carioca, rua da Carioca, praça Cristiano Ottoni, rua Marechal Floriano Peixoto, rua Acre, praça Mauá e o mar.

Essas curiosas restrições legais, evidenciam indiretamente a importância do comércio ambulante no Distrito Federal. Não fôssem eles em grande número, alguns milhares e em múltiplas especialidades, e por certo o poder público não se deteria a formular prescrições tão minuciosas sobre seu funcionamento e licenciamento.

O Rio de Janeiro comporta dois tipos de ambulantes de período efêmero. Queremos nos referir aos que são licenciados para funcionar apenas durante o curto período do *carnaval* e os que mercadejam durante os domingos nas populares festas da Penha no mês de outubro.

No carnaval os ambulantes podem funcionar a qualquer hora, com a limitação de permanecerem em determinada via pública. Hoje, com o quase desaparecimento do mascarado e das batalhas de confete e de lança-perfumes tão em moda há dez anos atrás, o *ambulante do carna-*

val quase não se ocupa com a venda dos chamados artigos carnavalescos. As licenças concedidas em 1942, durante o período de Momo, foram predominantes de outra natureza, como demonstra o quadro abaixo:

Bar	18
Barracas	69
Bebidas e comestíveis	2 339
Cadeiras e mesas	4
Confete e outros artigos	2

Para a *feira da Penha* licenciou-se em 1942 um total de 535 ambulantes, todos no 11.º distrito, que é o distrito municipal dentro do qual está a tradicional e conhecida igreja de Nossa Senhora da Penha.

Sexo, idade, côr e nacionalidade Não possuímos para consulta qualquer sorte de estatística que nos permita indicar percentagens de ambulantes segundo sexo, idade, côr e nacionalidade. As impressões aqui agora transmitidas serão, portanto, tôdas de ordem subjetiva, exteriorizando *impressões* Impressões, sem dúvida, fruto de longa observação, mas apenas impressões.

Vejamos em primeiro lugar o que se nos revela a respeito do *sexo* dos empregados no comércio ambulante.

São numerosas, hoje em dia, as mulheres nas lojas de varejo, nos escritórios comerciais, numerosíssimas na burocracia oficial; constituem a quase totalidade do magistério primário e já ameaçam invadir e dominar o magistério secundário. Todavia, ao contrário daquilo que acontece nos países europeus, raros são os *indivíduos do sexo feminino* que se destinem presentemente ao comércio ambulante ou, mesmo, a outras atividades funcionais tendo a rua como campo de ação. O contrário disso vê-se em outras terras. Encontram-se em Lisboa as varinas, mercadoras de peixe, em Paris, as que vendem legumes ou flores; em Bruxelas, as que fazem comércio de leite. Em tôda a Alemanha, mulheres apregoam jornais. No tempo da escravatura era, porém, freqüente verem-se negras no comércio de rua, no Rio de Janeiro. Atualmente não.

Não há, que saibamos, no Rio, mulheres entre carteiros, estafetas, mata-mosquitos, trapeiros, baleiros, amoladores, vendedores de plantas, de caldo de cana, padeiros, leiteiros, sorveteiros, entregadores de casas comerciais e quase todos os demais que figuram nos quadros oficiais. Em alguns ramos, quando o fazem, são sempre em pequeno número, constituindo exceções, como, por ex., entre as verdureiras, peixeiras e vendedoras de bilhetes de loteria. Em outros ramos, porém, aparecem em proporções cada vez mais ponderáveis. Assim entre os vendedores de roupas brancas, e de cama e mesa, de confecções e artigos de luxo, de roupas feitas (para senhoras e crianças), de armarinho e fazendas, e rendas, e até como propagandistas, vendedoras de brinquedos e vários artigos de

consumo familiar (enceradeiras, máquinas de costura, etc.) Como vendedoras de angu, canjica e certas qualidades de doce ainda tem a mulher a quase exclusividade do comércio ambulante carioca: são as chamadas "bairanas", embora muitas delas não hajam nascido na Bahia, mas procuram se vestir à moda baiana, com chale a tiracolo, colares numerosos e até barangandãs.

Quanto à *idade*, o comércio ambulante está predominantemente em mãos de adultos. O de entregadores de casas comerciais é, porém, de preferência confiado a jovens e mesmo a crianças, em virtude dos menores ordenados que exigem. Verifica-se pelas tabelas que a parcela com êsse tipo de ambulante — os entregadores de casas comerciais — subiu em 1942 a 3 915 indivíduos.

Convém lembrar que há outros ofícios em que são empregados muitos menores. Assim entre os baleiros e doceiros. Também são êles vistos, em enxames, na venda de amendoim torrado, sendo que quase sempre de modo clandestino, isto é, sem o pagamento de impostos. Em todos êsses casos, os menores são quase sem exceção do sexo masculino e de nacionalidade brasileira, garotos de côr, que mercadejam para auxílio às famílias, produtos caseiros por estas manufaturados.

Juntemos a essa lista o considerável número dos pequenos vendedores de jornais, a serviço das chamadas *bancas*. Destas são proprietários adultos, geralmente estrangeiros (italianos), que confiam à agilidade macabra dos garotinhos brasileiros a procura da freguesia nos bondes, ônibus e cafés e nas calçadas por onde transita a população. Essa garotada é utilizada quase só para a venda de vespertinos. Segundo informes colhidos extra oficialmente na Associação Brasileira de Imprensa sobe a 279 o número de bancas e a 150 o de pequenos jornaleiros. Hoje êsses meninos desfrutam o uso de uniforme em pano azul, com o qual todavia muitos não se gostam de vestir, preferindo o trajo à paisana, embora em molambos. Ao pequeno vendedor de jornais foi erguido modesto mas expressivo monumentozinho na avenida Rio Branco, na esquina da rua do Ouvidor.

Embora sem a segurança das estatísticas pode-se computar em muito mais de 5 000 o número de menores empregados nas diversas atividades de rua. Estimando que do total de entregadores de casas comerciais menos de 30% seja de adultos teremos que entre jovens e crianças só nesse ramo haja pelo menos 2 800 indivíduos. Juntem-se a êles os pequenos jornaleiros (150), os vendedores clandestinos de amendoim torrado (uns 80) e bilhetes de loteria (uns 250) e percentagens variáveis de outros ramos e ter-se-á visto que não se erra muito com o global acima indicado.

Quanto à nacionalidade ocorre lembrar que estamos, de uns tempos a esta parte, assistindo a acentuada evolução no sentido de nacionalizar-se o ambulante carioca. Longe nos achamos de atingir o cem por cento, mas, comparativamente ao que existia faz alguns anos, diminuiu sensivelmente aí o número de estrangeiros.

A preferência de certos estrangeiros para o comércio é manifesta. Para o Brasil a imigração desejável seria a de agricultores, mas, mesmo chegando para essa finalidade, em pouco o imigrante foge à lavoura preferindo ou a indústria ou o comércio onde o enriquecimento é mais rápido. Neste, o mascateamento ambulante exige menos capital de instalação e, portanto, seduz a quantos ambiciosos de fazer fortuna. Em pouco, ganhos alguns cruzeiros, o ambulante "se estabelece" em pequeno negócio sedentário.

Desde os tempos coloniais até quase os fins do século XIX o mascate e o ambulante "de valia" eram portugueses. Depois, veio a época dos italianos. Mais tarde dos sírios. Estes, mascateando, retalhando a venda de miudezas, espalharam-se pelo Brasil todo, estabelecendo-se depois como pequenos negociantes em remotos rincões de nosso país. Ao passo que os italianos do mascateamento de fazendas, roupas e armarinho passaram à venda ambulante dos peixes e da verdura, em que hoje no Rio ainda se ocupam em visível percentagem, o sírio começou vendendo fósforos (os caricaturais "fôfo barato" do princípio do século, em bandejas de madeira pendendo do pescoço, suportadas por



«-Phópho barato!»

um espeque). Pouco a pouco se especializaram no "armarinho", passando a "negociantes". Hoje há para tal negócio um verdadeiro bairro sírio nas vizinhanças da praça da República.

Os sírios tiveram logo depois, já no último quartel do século atual, um avassalante sucessor: o judeu. O judeu, de tôdas as nacionalidades, principalmente, porém, balcânicos e russos, é o mascate da atualidade, não só no Rio, como em inúmeras cidades e vilas. É "o turco da prestação", coleante, untuoso, açambarcador, invencível. Constitui, no ponto de vista social e político, verdadeiro perigo, pois sendo inescrupuloso, vale-se de todos os recursos, não só para enganar o freguês como para disseminar idéias subversivas. Tem sido apontado como um dos melhores agentes do bolchevismo. Serão de percentagem preponderante, senão exclusiva, nas espécies fiscais de: fazendas e armarinho, atoalhados, chapéus-de-sol, confecções e artigos de luxo, quinquilharias, roupa feita, roupas brancas e de cama e mesa, bôlsas de couro, cintos, bonés, gravatas, compradores de roupa velha e objetos usados, móveis, perfumarias, enceradeiras, e em tôdas as vendas de contrabando em que o vendedor alude mentirosamente a compras feitas em navios estrangeiros.

Os portugueses mantêm-se ainda predominantes em certos setores do comércio ambulante: amolador, cana, frutas, carregador ou ganhador, carvão, quitanda, padaria, leite, refrescos, doces, empadas e pastéis, flores, plantas, miúdos de reses, vassoureiro, soldador.

Há um comércio ambulante a que os amarelos (chineses e japoneses) dão suas preferências: o peixe. Seu pregão "peixe, camalô" é bem conhecido no Rio.

As *tonalidades de côr* não têm tido, tão pouco, análise estatística. Os europeus, inclusive os judeus, são brancos. De amarelos tem o ambulante carioca a contribuição citada (de chineses) e de certo modo a dos nossos mulatos cujo matiz em tons amarelos vai do quase branco ao quase negro. Os sírios têm a tez muito tostada mas não se confundem com os amarelos. Mulatos e negros foram, porém, os ambulantes que predominaram no tempo da escravidão. Mas ocupavam entre os ambulantes apenas as funções de porte mais modesto, as quais exigindo poucos conhecimentos podiam ser desempenhadas por qualquer um. Carregavam, por exemplo, os tabuleiros e baús dos mascates ou recebiam de seus senhores encargos de baixo padrão.

Modos de transporte No modo de transportar os objetos de venda ou entrega também se distingue o ambulante carioca dos seus congêneres do resto do Mundo.

Analisaremos a seguir os vários modos usados, orientando-nos na exposição pela classificação de RICHTHOFEN²⁴ por nós apresentada algures com ligeiros retoques e ampliações. Seguramente não figuram entre o comércio ambulante do Rio de Janeiro todos os itens da longa lista formulada por aquêl autor. Deixaremos de lado as alíneas não utilizadas no caso que ora nos ocupa.

No Rio de Janeiro o objeto de venda, compra ou entrega é transportado de três modos principais: a) pelos próprios; b) em animais; c) em veículos.

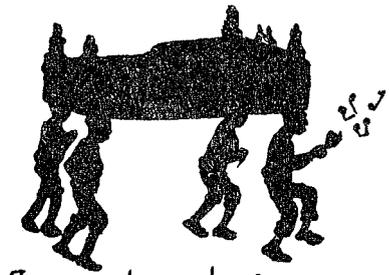
a) *Transporte pelos próprios*

Quando o *ambulante é o próprio carregador do produto* fa-lo: 1) à cabeça; 2) aos ombros; 3) às costas; 4) pendente da mão ou, o que é equivalente, trazendo-o debaixo do braço.

São exemplos do primeiro caso — *transporte à cabeça* — todos os que se utilizam de tabuleiros ou de caixas ou cêstos desde que muito grandes ou pesados. É oportuno recordar de passagem que o transporte à cabeça é entre os meios de condução pelo próprio homem um dos menos usados, principalmente entre os povos civilizados. Em regra, o carregador prefere colocar o fardo às costas quando de muito pêso, ou sôbre os ombros quando um pouco mais leve. Sem dúvida, logo que o pode, dá preferência ao veículo. Os portugueses, entre os europeus, são acaso os únicos que ainda utilizam a cabeça para êsse fim. Mulheres com bilhas em difícil equilíbrio no cocuruto da cabeça quase só em Portugal; no resto do mundo, a bilha é posta sôbre o ombro.

²⁴ VON RICHTHOFEN — *Verkehrs-und Siedlungsgeographie* — Leipzig

Para melhor distribuir o pêso sôbre o crânio, é empregado no transporte à cabeça uma rodilha, ou de pano, ou de palha. Tempo houve em que as mudanças eram no Rio tôdas feitas à cabeça. Para os pesados pianos de cauda fazia-se necessário a reunião de quatro homens possantes (negros fortes ou portugueses). A pesada carga era distribuída sôbre quatro cabeças. E caminhavam ritmicamente ao som cadenciado de chocalhos ou melopéias cantadas a meia voz.²⁵



Carregadores de piano

São exemplos, entre os ambulantes cariocas de *transporte à cabeça*: angu, doceiro, cana em roletes, canjica, certos carregadores, empadas e pastéis, mascate (quando há além do negociante o transportador da mercadoria, o que hoje é raro no Rio de Janeiro), fruta, garrafas, miúdos, plantas, sorvetes, o verdureiro, os antigos tintureiros, tripeiros, e funileiros.

O carregamento *às costas* é acaso o mais habitual quando o homem não tem veículo à disposição. . . Mães assim amarram os filhos pequenos para que os transportando possam trabalhar, pois trazendo-os *ao colo* ficam disso impossibilitadas. Dêsse tipo é o transporte das mochilas dos soldados e colegiais; a carga não tolhe a liberdade de movimentos. Ao leitor interessado em se documentar sôbre êsse tipo de transporte recomendamos ligeira vista d'olhos nos sete volumes de *Lands and Peoples*, tão abundantemente documentados fotogrâficamente a êste como a vários outros respeitos.

O ambulante carioca só excepcionalmente recorre a êsse modo de transporte, salvo quando se serve de sacos para conduzir sua mercadoria. Os apanhadores de papéis velhos (trapeiros) conduzem o que conseguem apanhar nas casas e latas de lixo em enormes sacos às costas. Um que outro carregador profissional (ganhador, "negro do ganho" como se dizia outrora) às vêzes faz o serviço dêsse modo, mas raramente O soldador transporta às costas o seu instrumental.

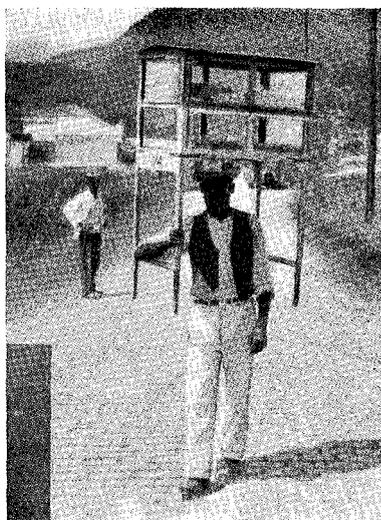
Já mais freqüente entre os ambulantes cariocas é o transporte *ao ombro*, ou sôbre êle colocando diretamente a mercadoria, ou utilizando-o como suporte para o que é levado a tiracolo.

No primeiro grupo podemos colocar o transporte dos tapêtes, vassouras e espanadores, as roupas, panos e atoalhados, espelhos e quadros, chapéus-de-sol, gravatas e meias, cintos e alguns poucos objetos mais. Ao segundo grupo — transporte a tiracolo: os jornaleiros, certos baleiros da atualidade, o homem do realejo.

²⁵ O transporte de pianos de cauda oferecia grandes dificuldades. De certo carregador ouvimos uma vez essa sentença que traduz a angústia que lhe causavam os pianos: "*Ladeira, sobrado e piano de rabo é coisa feita pelo diabo*"



Pequenos jornaleiros
(Foto AUGUSTO MALTA)



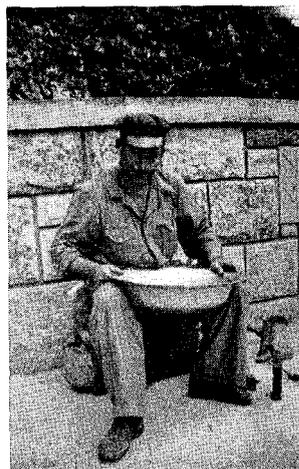
Doceiro
Transporte à cabeça



Soldado em marcha
Transporte às costas



Ganajeiros
(Foto AUGUSTO MALTA)

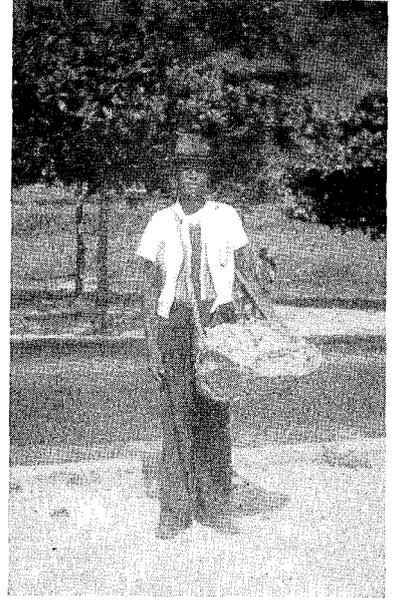


Soldador no trabalho
Foto ODINÉA AMORIM



Vassou eiro

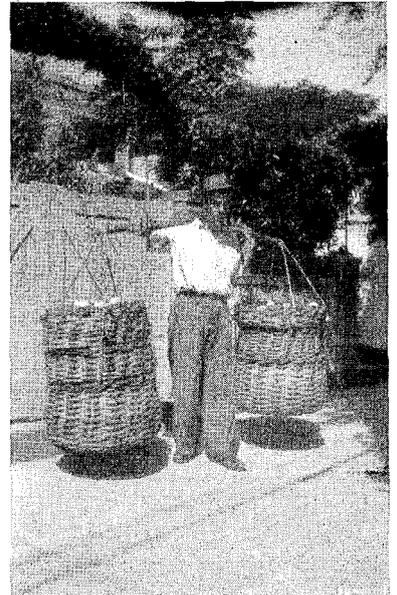
Foto AUGUSTO MALTA



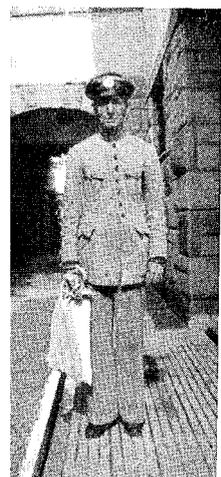
Baleiro
Transporte a tiacolo



Realejo
Transporte a tiacolo e espeque
quando estacionado

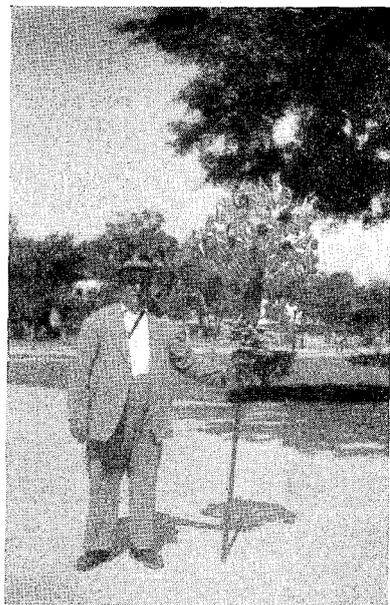


Verdueiro
Foto NEUSA CASTRO



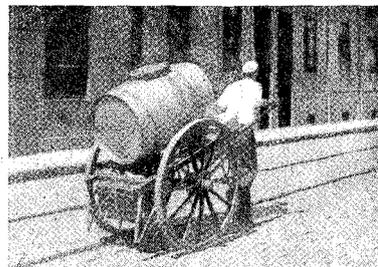
Carteiro

Foto ODINÉA AMORIM



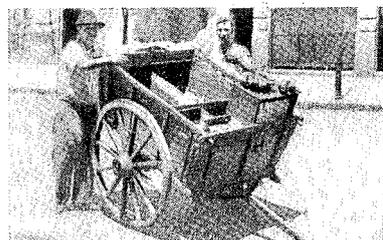
Vendedor de picolito

Foto NEUSA CASTRO

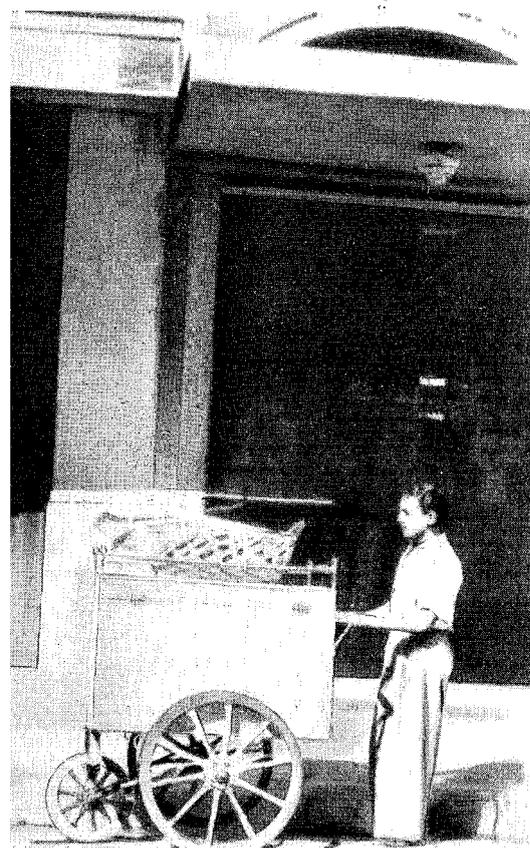


Leiteiro

Foto SANIA COSMELLI



Antigo vendedor de laranja



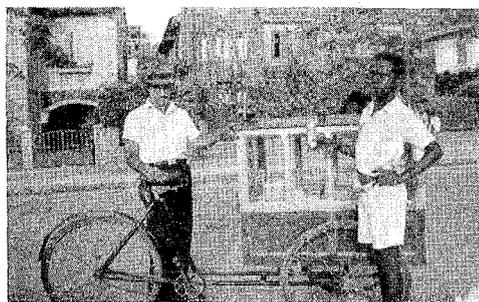
Entregador de pão — Empurra o tricicle

Foto MARTA DALE



O verdureiro

Foto NEUSA CASTRO



Vendedor de sorvete — picolé

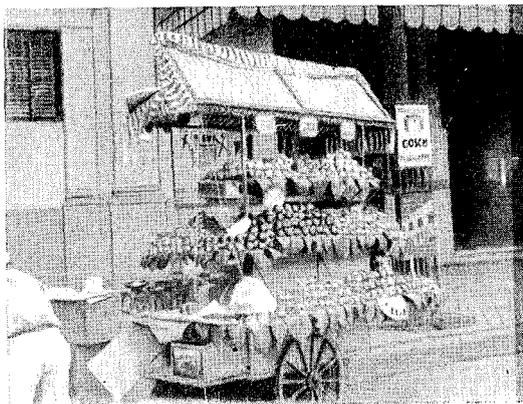
Foto ODINÉA AMORIM



Peixeiro



Amolador



Carroça de frutas



Vendedor de biscoitos "dinglin"



Doces e biscoitos

Foto INÊS

Em muitos casos, aquêles que fazem o transporte a tiracolo ou como que pendente do pescoço (modo êste bastante fatigante) pode descansar, quando parado, apoiando a bandeja, caixa ou tabuleiro sobre *um pé de madeira* (espeque) para tal fim colocado sob a parte inferior do tabuleiro ou caixa. Em regra, quando *estacionam*, êsse pé é sempre pôsto em uso.

Dos que transportam em ombro, cabe referência especial aos ambulantes de peixe e verdura, que trazem suas mercadorias em balaios pendentes de uma vara, em forma de conchas de balança. É um dos ambulantes mais típicos do Rio de Janeiro. Não nos recordamos de tê-los visto fora do Brasil, ou ao vivo ou em gravuras ou cinema.

Os carteiros do Brasil não usam, o que tão freqüente é em outros países, o transporte da correspondência em pequenas caixas a tiracolo. Preferem carregá-la em sacos ou amarrados que conduzem em baixo do braço. Ficam, portanto, figurando na categoria seguinte.

Transportam sua carga ou *pendente da mão ou debaixo do braço* vários ambulantes cariocas. É sob o ponto de vista da comodidade bastante precário êsse modo de transporte, pois o objeto conduzido precisa ser colocado em qualquer parte (chão, pilastra, gradil) logo que haja de se fazer o comércio. Malgrado isso é muito generalizado entre nós, de vez que o objeto de transporte seja leve ou pouco volumoso. Entre outros podem ser citados: carteiros, estafetas, pequenos jornaleiros, vendedores de amendoim, de bolas, de pirolitos, de certos brinquedos, as antigas floristas, os que negociam em gravatas e meias, todos os que vendem em samburás, entregadores de folhetos a domicílio, louça de barro, tinas de jardim, flores artificiais, artigos para finados, fotógrafos, gaiolas, jóias, refrescos e alguns outros.

b) *Transporte em animais*

Apenas de dois animais se utiliza o comércio ambulante do Rio de Janeiro: o *burro e o cavalo*. Melhor diríamos se utilizava, pois, ao menos na zona urbana, são ambos de emprêgo quase nulo, quer como animais de carga, quer como animais de tração.

Como *animais de carga* desconhecemos aqui qualquer outro, pois evidentemente elefante, búfalo, camelo ou iaque jamais se aclimataram entre nós. O boi tampouco jamais teve uso dêsse tipo.

O boi foi, isso sim e em larga escala, nosso grande animal de tração. Ainda em data relativamente recente, princípio dêste século, era corrente vê-lo atrelado a carroças de capim cruzando para os lados da Gávea, alta noite, com os automóveis dos notívagos. Mas o carro de boi pròpriamente dito, rangedor e moroso, êste já de longa data não é visto na zona urbana do Distrito Federal e talvez nem nos subúrbios e zona rural. O que permaneceu mais tempo, e ainda existe atualmente, são as carroças puxadas por bois. Em 1942, por exemplo, haviam sido

licenciadas para a zona rural 310 dêsses veículos. Embora esteja sendo substituída vertiginosamente pelo automóvel, ligeiro e resistente, a carroça, e mesmo o carro de boi, podem ainda ser apreciados em alguns pontos dos estados vizinhos, Estado do Rio e Minas, e com mais forte razão nos mais afastados.

Mas ainda que trafegassem de modo corrente como em antanho, por certo o carro de boi continuaria a não ter emprêgo no comércio ambulante, como jamais anteriormente tivera.

Tampouco fazemos uso do cabrito, do carneiro ou do cachorro como animais de tração de leves veículos que se prestariam, aliás, perfeitamente aos usos do comércio ambulante. Nisso não imitamos o estrangeiro. É corrente, por exemplo, fazer-se em Bruxelas a venda do leite a retalho em carrocinhas tiradas por cachorros, atrelados em várias parelhas e com força suficiente para puxar o veículo, o vasilhame e não raro a moçoila que se encarapita na boléia. O mesmo acontece em outros lugares com os cabritos e carneirinhos. Não longe do Rio, em Petrópolis, vêem-se tais carrinhos, o que sempre provoca do turista carioca suspiros de pena pelos "pobres animaizinhos".

Nenhum dêsses animais está no Rio pôsto a serviço do homem. Nem mesmo o jumentinho do Nordeste e da Ásia Menor foi para cá trazido. Apenas, como dissemos, o burro e o cavalo. E dêstes dois muito mais o burro do que o cavalo.

E ainda assim o burro e cavalo têm modernamente pouco serviço a fazer. A legislação proibiu o "tropeiro". O transporte da carga naqueles animais era todavia corrente no século passado mesmo dentro da cidade. Foi, se não nos enganamos, PEREIRA PASSOS quem o proibiu em definitivo como proibira também a venda do leite tirado das próprias vacas trazidas à porta da freguesia e anunciando sua passagem por meio de campainhadas estridentes. Eram sempre acompanhadas de suas *crias*, infelizes bezerros que soltavam de vez em quando



Leite com vacca a domicilio

lamentosos e comovedores mugidos. O tropeiro tem presentemente sua atividade reduzida à zona rural, e quando muito, às partes extremas da zona urbana nas confrontações com os subúrbios, isto é, nas orlas externas do Méier, Penha e Tijuca. Sua mercadoria (frutas, verduras, aves, peixes) era trazida em cestas de cipó atadas de um lado e outro a cangalhas de madeira postas no dorso do animal. Quando se tratava de transporte de pão a cesta de cipó era freqüentemente substituída por caixas de madeira ou por pequenas barricas com abertura na região mais alta da parte curva. Essa sorte de transporte de pão cremos já caiu em desuso em tôda a área do Distrito Federal.

Aquêles dois citados solípedes tiveram até data ainda mais recente emprêgo generalizado como animais de tração. Em carroças e caminhões. Bem como em veículos da Limpeza Pública. Mas o automóvel os destronou de tôdas essas honestas ocupações. Não podemos, à falta das respectivas rubricas em nossas estatísticas, indicar o número de veículos a tração animada com destino ao comércio ambulante. As cifras oficiais, pouco preocupadas com problemas de geografia humana, os conglobam sob outros critérios, antes de ordem fiscal.

Se o comércio pouco se vale dos animais para o transporte de seus produtos ainda menos os demais tipos sociais que consideramos anexados aos ambulantes. Não vemos no Rio, montados em cavalos ou burros nem carteiros nem estafetas do telégrafo. Ainda menos jornalheiros.

c) *Transporte em veículo*

Quanto ao *veículo* temos a considerar em primeiro lugar, em estudo metódico, o motor. Este pode ser *animado* (homem ou animal), ou *mecânico*.

Ainda que teòricamente devêssemos aludir a todos, para o caso que ora abordamos — *ambulantes* — podemos nos limitar a citar entre os motores mecânicos o de *explosão*, isto é, o automóvel, que tem para combustível a gasolina ou o álcool. Os gasogênios entrariam, para efeito das nossas considerações, nessa classe.

Das outras fontes de energia não há, no Rio, emprêgo direto pelos ambulantes. De fato. Trens a vapor ou elétricos, transportam sem dúvida tôda sorte de produtos para o mercado do Rio. Bondes também, sem dúvida, (os *bagageiros* e os apelidados *taiobas*) levam do mercado central para os retalhistas vários artigos de consumo. Nem uns nem outros, porém, têm *emprêgo direto* como ambulante. A eletricidade e o vapor não podem pois ser computados como motores de uso entre os ambulantes.

Com o automóvel se dá o contrário. Cada dia mais é êle pôsto a serviço da comunidade para a venda de produtos e mais ocupações de rua. Com o crescimento do número de autocaminhões diminuem os de tração animal. Vemos hoje percorrendo a cidade em tôdas as direções ou estacionados em dados pontos os caminhões de laranja, de verduras, de frutas diversas, de carvão, de lenha, de caldo de cana, de sorvete, de doces, de leite (em brancos veículos característicos que o público apelidou de *vaca-leiteira*), ou entre os entregadores de múltiplos artigos das casas de comércio de comestíveis, fazendas, armarinho, móveis, drogas, etc.

A gasolina e o motor de explosão são ainda utilizados em um tipo de comércio ambulante a que ainda não fizemos alusão mas que já teve no Rio considerável importância: o *ambulante marítimo* de frutas,

comestíveis e bebidas junto aos transatlânticos e navios de cabotagem. Com a nossa instalação portuária e a obrigação de todos os navios atracarem ao cais êsse ativo comércio decresceu fortemente. Está hoje muito reduzido e circunscrito a bem dizer ao que se possa fazer do lado do mar com os navios atracados ou com os habitantes das pequenas ilhas da Guanabara, e é realizado em botes, faluas e às vezes em lanchas. Nas grandes ilhas como, Paquetá, Governador, Bom Jesus, o comércio ambulante é de tipo terrestre. No pouco comércio ambulante marítimo já se não usa o remo e bem pouco a vela como elemento propulsor movido pelo braço ou pelo vento. Quase só a assejada gasolina e o pequeno e portátil motor de explosão.

Mais importante que o motor mecânico ou o motor animal é, dentro do quadro dos ambulantes do Rio de Janeiro, o motor humano.

O homem atua, como nos instrui a classificação de RICHTHOFEN, junto ao veículo de três modos: empurrando-o, puxando-o ou se deslocando conjuntamente com êle.

Temos no Rio exemplos de cada um desses casos, todos porém dentro da chave geral dos veículos que se deslocam sobre rodas. O Rio ignora *et pour cause* o veículo de translação (do tipo do trenó).

De veículos *empurrados*, podemos citar entre outros as carrocinhas de leite, de pão, de peixe, de miúdos, de verduras, de sorvete, de pipoca, de doce, de algodão-de-açúcar e várias outras. Muitas dessas carrocinhas tomam formas *sui generis*, quer pela adaptação ao objeto da venda (pipocas, algodão-doce, leite, pão), quer pelo aspecto que lhe emprestam e é destinado a chamar para elas a atenção do público comprador: navios para venda de sorvete, pipas para o comércio de leite, etc.

Dos veículos *puxados pelo homem*, o exemplo clássico no Rio é o do carrinho baixo e longo, de duas rodas, de uso entre carregadores ou ganhadores que a facécia carioca cognominou de "burro sem rabo", empregados em mudanças e em um sem número de outras utilizações. Deslocam-se pelas ruas como verdadeiras pirâmides ambulantes de móveis, caixas e outros objetos, seguros por cordas de aniagem para não ruírem aos choques das rodas contra a pavimentação. Também o leiteiro puxa a sua carrocinha.

Está se generalizando em escala rápida o transporte em *veículos movidos pelo próprio passageiro*. Graças a êsses veículos o mercador obtém maior velocidade e despense menor esforço no seu deslocamento através dos logradouros, podendo no entanto parar temporariamente ou estacionar onde bem quiser. Para essas finalidades prestam relevantes serviços as bicicletas e os triciclos, aquelas mais velozes e mais leves, êstes mais estáveis e suportando maiores cargas. Não são de uso entre os nossos ambulantes as motocicletas. Aos triciclos dão maior preferência os padeiros, os leiteiros, os verdureiros; à bicicleta, os entregadores de armazéns e de outros gêneros de comércio.

A disposição dos carteiros e estafetas do Rio ainda não pôs o Departamento de Correios e Telégrafos veículos desse tipo. Sômente para a coleta de correspondência nas caixas postais distribuídas pelos diversos pontos da cidade recorre o D. C. T. a veículos motorizados.

São deficientes ou confusas as estatísticas apresentadas nas publicações do Departamento de Geografia e Estatística da Municipalidade ou as que diretamente obtivemos no Serviço de Emplacamento.

Os últimos *Anuários* publicados de 1939, 40 e 41 (o de 1942 não pôde, por motivo da guerra, aparecer) apresentam em duas tabelas, a estatística de *veículos em circulação*. A primeira se refere a "veículos de tração mecânica emplacados" e a segunda a "veículos diversos e ambulantes". Pareceria que apenas a segunda tabela nos deveria interessar, mas nessa segunda tabela não estão incluídos, como se verá na tabela abaixo, os autocaminhões, sem dúvida, desde 1939 utilizados no comércio ambulante para venda de laranjas, frutas, etc. As cifras que figuram como "ambulantes" incluirão os caminhões de laranjas e frutas? Não nos souberam explicar.

Para que o leitor possa êle mesmo proceder à análise que mais lhe interessar reunimos abaixo, em uma só, as tabelas referentes aos anos de 1938, 39 e 40. Quanto aos algarismos de 1942 faremos logo a seguir algumas ligeiras considerações. Os de 1941 não conseguimos obter.

DISCRIMINAÇÃO	1938	1939	1940	1942
Bicicletas :	11 122	12 015	12 667	17 654
Carrinhos e canoichas a mão	4 478	5 541	4 602	4 840
Carroças de 4 rodas — zona urbana	106	59	46	—
Carroças de 2 rodas — zona urbana	19	3	—	—
Carroças de 2 rodas — zona suburbana	34	33	21	—
Carroças de 2 rodas — zona rural	278	250	212	—
Carroças de 2 rodas — Lav :	358	331	301	—
Carroças de 4 rodas	15	45	44	—
Carrros de 2 rodas	38	10	12	—
Triciclos, condutores de volumes	482	477	464	470
Triciclos, entrega gêneros	264	321	296	—
Veículos marítimos	30	10	—	—
TOTAL ...	17 224	19 095	18 665	—
Ambulantes	5 752	6 047	6 765	—

Da tabela pode-se calcular a percentagem de *veículos de ambulantes* no total de veículos licenciados, não, porém, espécie por espécie, isto é, de que quantidade em cada uma delas são os veículos ocupados por ambulantes. Apenas nos triciclos se esboça tímida diferenciação aliás pouco caracterizada. Qualquer conclusão ou qualquer raciocínio seria temerário. Donde, inutilidade de fazê-los.

Os informes que com imensa dificuldade conseguimos coligir quanto ao ano de 1942 são precaríssimos e incompletos. No entretanto seriam bastante interessantes se os tivéssemos conseguido seguros e

totais pois que nos facilitariam confrontos com os algarismos constantes do parágrafo dêste escrito em que demos a estatística geral dos ambulantes. Indicam todavia que foram em 1942 licenciadas 17 654 bicicletas, 4 840 carrinhos e carrocinhas a mão, e que, até o mês de julho, se haviam registrado 470 triciclos.

Licenças e penalidades O licenciamento de ambulantes está sujeito a complicado ritual e o exercício dêsse comércio a certo número de dispositivos cuja não obediência significa a imposição de penalidades diversas.

Tudo há de ser feito por meio de requerimento estampilhado e está sujeito a pagamentos múltiplos. Os impostos pròpriamente de ambulantes constam de longa e explícita tabela estipulando pagamentos que variam desde o mínimo de 60 cruzeiros anuais para o vendedor de mingau até o máximo de 3 840 cruzeiros para quem se proponha a tirar fotografias instantâneas na rua. Os graus intermediários são muitos. Os mais taxados são os de vestuário, e os menos onerados pelo fisco os de alimentação popular.

As licenças, quando anuais, são pagas em janeiro e fevereiro. As mensais, adiantadamente até o início do mês respectivo.

Concomitantemente com o licenciamento de ambulante há-de o interessado quitar-se também da taxa de 6 cruzeiros correspondente a uma placa que o numera e identifica. Se usar porém tabuleiro, caixa ou outro meio no acondicionamento dos artigos de negócio, pagará mais 24 cruzeiros para se poder utilizar dêsses receptáculos. Os que venderem artigos a pêso ou medida deverão ter aferidas as balanças, pesos e medidas para o que contribuirão com mais 36 cruzeiros por metro, trena, copo graduado, craveira, litro ou qualquer outra medida de comprimento ou capacidade.

As penalidades (multas) variam consoante a infração. São de 30, 50, 100, 200, 500 e 1 000 cruzeiros, susceptíveis em alguns casos de imposição em dôbro nas reincidências. Além da multa o ambulante fica sujeito a apreensão de sua mercadoria, inclusive veículos e muares que no momento estejam ligados à infração.

Certas espécies ainda terão de obedecer a prescrições especiais que resguardem a higiene. Assim, por exemplo, os miúdos de reses. Só podem ser vendidos se forem encerrados em caixas de zinco divididas em três compartimentos fenestrados em cinco faces e separados por faces também de zinco. Estas caixas serão contidas em outras de madeira, fechadas e forradas de zinco sôbre aberturas feitas nas quatro faces laterais que serão interceptadas por tela ou tecido de arame cuja malha não exceda a centímetro e meio, devendo haver entre o fundo da caixa interna de zinco e o da externa de madeira um espaço de 0,05 m pelo menos de altura. A venda e a entrega do pão também devem obedecer a regras de higiene. Só pode ser feito tal comércio em carro-

ças fechadas e cêstos forrados, ambos com tampa, de modo que o pão se conserve sempre resguardado do pó. Também a venda de sorvetes, refrescos, bebidas ou artigos alimentícios tem de ser realizada em carrocinhas, caixas ou receptáculos fechados, preservados assim de poeira. Excetuam-se dessa determinação, as balas e bombons com envoltórios e os biscoitos em pacotes, por isso que já estão devidamente protegidos.

Como se vê, o comércio ambulante no Rio está cercado por inúmeras dificuldades. Malgrado isso, é, como vimos acima, numeroso e variado. E talvez por causa de tantos empecilhos, está abarrotado de clandestinos de tôda sorte.

As taxas e impostos que dos ambulantes e feiras recolhe o Erário Municipal, não são pequenas e ano a ano se avolumam.

A tabela seguinte disso nos dá uma idéia.

IMPÔSTO DE LICENÇA PARA CIRCULAÇÃO DE AMBULANTES NO DISTRITO FEDERAL

1930 — 1943

ANO	Importância em Cr\$
1930	500 806,00
1931	593 610,00
1932	522 544,00
1933	544 039,00
1934	975 771,00
1935	979 775,00
1936	812 761,00
1937	818 223,00
1938	913 642,50
1939	903 274,80
1940	947 112,50
1941	804 402,40
1942	805 274,40
1943 (*)	960 534,70

* Até o mês de outubro

Pregão Também segundo o modo de fazer conhecida do público a matéria de comércio, poderiam ser examinados os ambulantes cariocas.

Uma classificação dividi-los-ia inicialmente em:

- a) *Silenciosos*;
- b) *Apregadores*,

Os *silenciosos*, em número relativamente muito pequeno, andam de porta em porta, batem palmas ou fazem soar a campainha, e untuosos declaram desejar falar à dona (ou ao dono) da casa. Estes por vezes se deslocam de suas ocupações domésticas para atender a *visitas*, que nada mais são do que um ambulante empenhado em vender rendas,

chapéus-de-sol ou roupas brancas. Declara que está tudo mostrando “sem compromisso” e com facilidades de crédito, isto é, à *prestação*. Homens e mulheres exercem o comércio ambulante dessa maneira insidiosa e irritante. São, em geral, judeus, e o público os conhece por “turcos da prestação” ou, simplesmente, “o prestação”. Nos bairros ricos, sua maior freguesia é entre cozinheiras e demais domésticas. Nos subúrbios e distritos de população mais modesta “o prestação” tem como fregueses os próprios donos, ou antes, as próprias donas das casas.

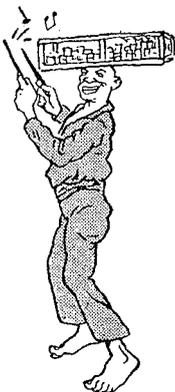
O carregador ou ganhador é também totalmente silencioso. Estaciona em seus *pontos*, junto de longos, baixos e típicos carrinhos, ou das respectivas carrocinhas e aguarda paciente a vinda dos fregueses. Nas gares de estradas de ferro, ou se enfileiram em face do trem que chega, ou esperam embolados os automóveis conduzindo passageiros.

Ainda na classe dos ambulantes silenciosos, podem ser arrolados alguns outros, mas poucos mais.

A segunda categoria de ambulantes é constituída pelos *apregoadores*. O pregão é feito de diversos modos, alguns tão característicos que se tornaram típicos, e são bem conhecidos de todos os cariocas.

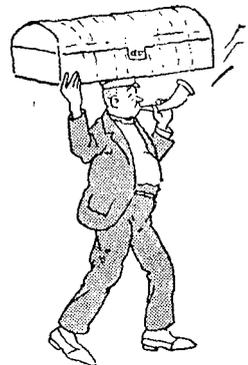
Em quatro classes principais podem ser arrolados os pregões cariocas:

a) *os que utilizam instrumentos produtores de som (musicais ou não) desacompanhados, porém, da voz humana.*



Antigo vendedor de roletes de cana

O antigo vendedor de roletes de cana usava um pequeno bastonete de madeira (varinha de marmelo ou similar) com a qual batia repetidas vezes e em cadência, no tabuleiro, provocando uma modulação mais ou menos musical. Assim também era há uns 30 anos bem conhecida, a busina em corno, do tripeiro, que arrancava dela um som estridente e prolongado, sem toda-



Antigo tripeiro

via proferir palavra. Hoje em dia, raros são os que procedem dessa maneira. Poderíamos citar, o realejo (das sortes); os músicos (cegos)²⁶; o sorveteiro de automóvel que utilizava uma caixa de música e em alguns bairros ainda é encontrado; o dringlin (vendedor de biscoitos), o vendedor de plantas, o amolador, o sorveteiro, pipoca e algodão-doce, a busina da vaca leiteira.²⁷

²⁶ Desapareceram do Rio a “banda alemã” e a “orquestra de cegos”, as quais, aí por uns 30 anos atrás, percorriam o centro urbano, parando de tempos a tempos e executando suas melodias

²⁷ Todas as caricaturas constantes deste artigo são de RAÚL PEDERNEIRAS e foram extraídas do seu conhecido álbum *Cenas da Vida Carioca*

b) *os que utilizam instrumentos e ao mesmo tempo a voz humana.*

Aquêles servem algumas vêzes para reforçar esta. Exemplo: o portavoz de que se serve aquêle que grita nas esquinas: “olha o caminho da laranja”, e “olha o laranjeiro”.

c) *os que se valem apenas da voz humana dando-lhe porém modulados característicos.*

Neste caso o pregão é em alguns casos quase uma música, ou pelo menos uma melopéia que desliza pelas ruas, vindo de longe, aumentando aos poucos de intensidade ao se aproximar o ambulante, para depois ir pouco a pouco decrescendo à proporção de seu afastamento. Será talvez êsse pregão a característica mais distinta do comércio ambulante tropical. As nossas ruas estão cheias de sons musicais, entrechocando-se no ar em uma combinação algo desordenada mas também algo harmônica que deveria tentar os compositores impressionistas. Vários poetas têm escrito sôbre “pregões cariocas”, mas nos foi impossível obter, apesar de pedidos aos próprios autores, sequer um exemplar dessas curiosas poesias, há tempos, tão recitadas pelas *diseuses* brasileiras.

Em uns casos — o do *vendedor de modinhas*, por exemplo, o pregão precisaria ser musicado pela própria essência da mercadoria. Em outros, porém, a modulação é como que a revelação espontânea entre os ambulantes de conhecimentos de psicologia. A memória guarda melhor a frase ritmada, isto é, mais a poesia que a prosa, e ainda mais se aquela estiver musicada. Os aedos da Grécia cantavam e não recitavam apenas, servindo-se de liras, harpas e outros instrumentos. Tornavam-se por isso populares. Os nossos ambulantes valem-se de iguais recursos quando modulam em frases cadenciadas os seus pregões. Êstes são por isso fàcilmente guardados de oitiva pela população. Daí uma certa preferência por êsses trovadores comerciantes.

Aliás, êsses pregões sempre chamaram a atenção dos observadores. Luís EDMUNDO, reproduz alguns dêles em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, isto é, exatamente dos princípios do século XX, quando o escritor estaria no viço da mocidade. A reprodução dos pregões é nesta página do livro feita de modo bem significativo. Escreve êsse autor:

“É o português vendedor de perus:

— Olha ôôô pruuuuu de roda vôôôô a!



O vendedor de abacaxi:

— *Olha ô ô ô avacaxi ôôô!...*

O italiano do peixe:

— *Peixe camaró... Ulha a sardénha!*

A turca ou turco vendedores de fósforos:

— *Fófo barato, fófo, fófo!*

Berra o vendedor de vassouras:

— *Vai vassouôôôôôra espanadoóeire!*

E o comprador de metais:

— *Chuuuumbo, féerro, cama vêlha, metal velho para vender!...*

O homem das garrafas vazias, com o seu cêsto à cabeça, grita assim...

— *Guerraalfas bazias pr'a bundaire!!*

E a negra da canjica:

— *Canjiquinha... Iaiá, bem quente!*

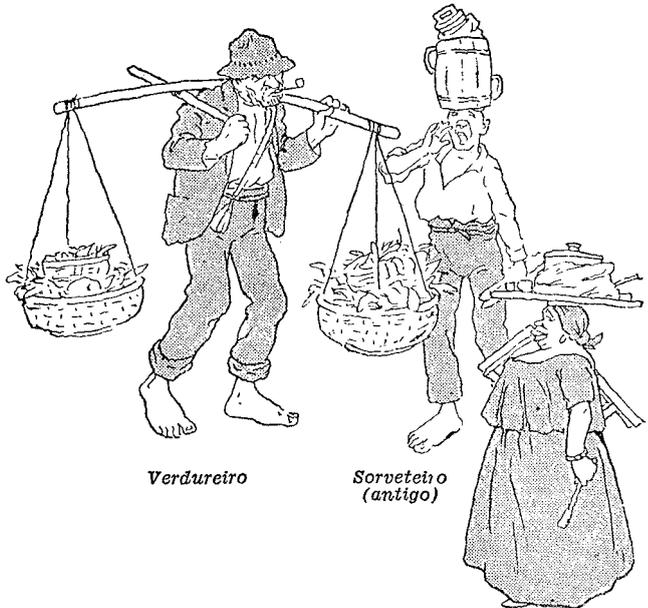
A porta dos teatros quedam os vendedores de empada, pastelaria feita com banha de porco e cujo recheio é um mingau detestável, em nada comparável às que se vendem pelas confeitarias. Gritam êes, os vendedores, agitando na mão uma pobre lanterna de papel, iluminada a vela de sebo:

— *As empedinhas spiciais cum quêmerão e as azaitonas! Stam queimando! Não tendo o quêmerão nam pagam nada!*

Não têm sombra de camarão, mas os fregueses pagam da mesma maneira.

“Particularmente interessante e pitoresco, continua Luís EDMUNDO, é o prêto vendedor de sorvete, com a lata de sua mercadoria envôlta em panos, sempre muito brancos e muito asseados, a p r e g o a n d o em versos:

“Sorvetinho, sorvetão
Sorvetinho de tostão
Quem não tem seu tostãozinho
Não toma sorvete, não!
Sorvete, Iaiá!”



Verdureiro

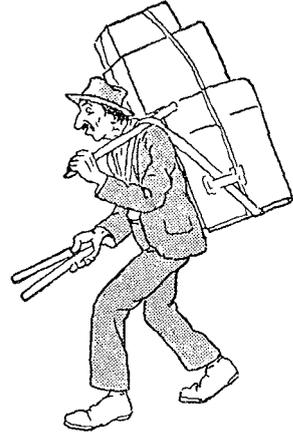
Sorvetinho
(antigo)

Baiana do angu



Funileiro
(antigo)

Há o funileiro, que bate num prato de cobre com um badalozinho de chumbo, mas, não grita; o mascate vendedor de panos e armarinho, sope-sando caixas de fôlha enormes, que contêm verdadeiros armazéns de mercadorias e vibrando uma espécie de matraca, que nada mais é que a medida de um metro, dobrado em dois pedaços que se ligam por duas dobradiças; os doceiros de caixa, chamarizes de crianças êsses, tocando uma gaita de bôca; há o



Mascate (antigo)

baleiro, há a baiana do cuscus, da pamonha, do amendoim e da cocada, a baiana que se instala num vão de porta, com o seu lindo chale africano, a sua trunfa, os seus colares e as suas anáguas postas em goma, à espera da freguesia, fumando um cachimbo de nó de imbuia”.

Para que fique documentado com maior segurança o apregoamento atual dos ambulantes, juntamos pequenas pautas indicando as modulações respectivas de alguns dos mais freqüentes pregões:



Traz a bôl-sa Do-na Ma-ri-a
Se não tem bôl-sa traga ba-ci-a

II

Traz a bôlsa, Dona Teresa,
Laranja p'ra sobremesa.

III

Traz a bôlsa, Dona Isabel,
Está tão doce, parece mel.

IV

Traz a bôlsa, Dona Estela,
Se não tem bôlsa, traz a panela.

V

Vamos, Dona Joaquina,
O caminhão está na esquina.

VI

Vamos, Dona Aurora,
O caminhão já vai embora.

d) *o que apregoa apenas com a palavra quase sem a modular.*

Êstes são em menor número; ango, bolas e brinquedos e o “prestação” nas múltiplas variedades que apresenta pelos múltiplos artigos de cuja venda se ocupa.

Estacionamento O interêsse do ambulante é locomover-se, isto é, deslocar-se de um ponto para outro em procura da freguesia. Mas, muitas vêzes, por estar, devido a qualquer eventual circunstância, a freguesia parada em certos locais, passa a ser seu interêsse estacionar também êle. Isso lhe não permite a lei.

Só excepcionalmente é concedido ao ambulante o direito de estacionamento. Essas exceções legais são em número de quatro.

1.º — Nas praias, praças, largos ou em qualquer logradouro em que não haja inconveniente para o trânsito, sempre porém a título precário e a juízo das autoridades. Ainda assim, para o favor ser concedido é preciso que o ambulante exercite o seu comércio em veículo. Se bem que com tôdas essas restrições o estacionamento só é permitido a ambulantes das seguintes espécies: balas, biscoitos, doces, empadas, flores, refrescos, pastéis, peixe, café moído, sorvetes, frutas, mingaus, pipocas, artigos fotográficos.

Fora dêsses casos especialíssimos, ao ambulante só é dado o direito de parar no curto momento de efetuar a venda. Sempre andar, eis seu dever.

O favor do estacionamento só é concedido a trôco de pesados pagamentos adicionais: 3 000 cruzeiros na zona urbana; 2 000, na zona suburbana; 1 000 na rural. Para os de flores, o pagamento adicional é de 150 cruzeiros apenas.

2.º — Nas vizinhanças de fábricas e oficinas. Compreende-se a razão desta exceção. O desejo do poder público em favorecer as classes operárias. Só podem, porém, aí estacionar os ambulantes de pão, doces, frutas e outros artigos alimentícios. Para que os operários de fábricas e oficinas gozem dessa regalia, cumpre que êsses estabelecimentos estejam fora dos limites da zona comercial (art. 25 letra *d* do Decreto n.º 4 610), zona esta que corresponde ao centro da cidade e de que já acima indicamos o perímetro legal.

3.º — Exceção também é feita para os pequenos lavradores da zona suburbana e rural. Êstes, ou seus empregados, podem estacionar em pontos prefixados. Precisam, porém, provar aquela qualidade — de pequenas lavradores — com atestado da Diretoria de Abastecimento.

É fácil perceber a razão de ser dessa exceção. Desejou o poder público favorecer de um lado os pequenos lavradores e de outro a população. Êsse estacionamento de lavradores, em pontos conhecidos do público, permitiria a aquisição de produtos com dispensa de intermediário, e portanto, com barateamento de ditos produtos.

O estacionamento de pequenos lavradores, suburbanos e rurais, dentro da zona urbana é, afinal, a verdadeira *feira livre*. Para o que estas evoluíram, dirá artigo seguinte em que as focalizaremos.

4.º — O estacionamento também é concedido durante certas festividades populares. A festa da Penha e o Carnaval são as mais conhecidas e as que têm mais regularidade. Durante quaisquer outras, porém, que provoquem aglomerações, o mesmo favor pode ser concedido. Quando isso acontece o ambulante fica sujeito a um impôsto diário de Cr\$ 30,00.

RESUMÉ

Parmi les différentes manifestations anthropogéographiques du commerce, l'auteur cherche à focaliser seulement celles du "*commerce ambulante*", quoiqu'il considère comme "ambulantes" quelques occupations humaines qui n'ont pas le caractère commercial.

L'auteur fait, ensuite, une analyse des divers aspects du commerce ambulante de la Ville de Rio tels que:

- a) nature et classification des services qu'ils rendent;
- b) horaire du travail;
- c) âge, couleur, sexe et nationalité des vendeurs;
- d) type du transport employé;
- e) manière d'annoncer la marchandise;
- f) restrictions légales à cet espèce de commerce;
- g) évolution historique du vendeur ambulante (ce dernier aspect n'a pas été étudié dans cet article)

L'auteur présente des statistiques des vendeurs ambulants en les classifiant suivant la nature des activités et arrive ainsi aux chiffres suivants: ambulants qui vendent des articles pour l'alimentation, 6 136; habits, 675; objets d'usage pour la maison, 523; jouissance et facilité de la vie, en incluant ceux de caractère social comme: courrier, porteurs, etc, 6 747. Les ambulants des différentes catégories ont atteint, pendant l'année de 1942, dans le District Fédéral, le chiffre de 14 081. En les séparant par catégorie on trouve, dans l'ordre décroissant: 3 915 porteurs des maisons de commerce, 615 pour la délivrance du lait, et ainsi de suite.

Des restrictions légales sont faites à l'horaire des ambulants que l'auteur énumère et commente. En ce moment, il y a une prédominance du sexe masculin, au contraire de ce que l'on constate pour les autres pays et des observations faites pendant la période coloniale et du temps de l'esclavage au Brésil. Il est par contre impossible de donner des chiffres exacts pour les ambulants qui n'ont pas atteint l'âge d'émancipation, l'auteur indique cependant comment il est arrivé à trouver que le nombre de ces ambulants doit dépasser les 5 000. Quant à la nationalité des ambulants, l'auteur constate qu'il y a une tendance, dans les derniers temps, à la renationalisation de l'ambulante carioca. Pendant la période coloniale et au temps de l'Empire, il y avait une prédominance du nègre, celui-ci a été substitué, progressivement, dans l'ordre qui suit, par les immigrants portugais, italiens, syriens et juifs, et, finalement, constate, en ce moment une prédominance du mulâtre.

La modalité du transport est à Rio un peu différente de celle que l'on constate dans les autres villes, puisque le transport des objets est fait en grande partie par les ambulants eux-mêmes, en portant les objets sur la tête ou sous le bras. Quelques ambulants utilisent le cheval et, principalement, le mulet. On employe très peu ces animaux pour la traction des voitures. Celles-ci possèdent généralement des moteurs à explosion utilisant la gasoline comme carburante et lorsque la propulsion se réduit à l'énergie humaine l'on voit apparaître les bicyclettes, les tricycles, etc. Les statistiques montrent qu'il y avait pendant l'année de 1941, 6 765 véhicules utilisés par les ambulants, si l'on exclut de ce chiffre les automobiles, parce que les statistiques ne donnent pas des indications assez précises sur l'emploi de chaque véhicule.

Les impôts provenant des permis concédés aux ambulants pendant l'année de 1930 ont atteint la somme de 500 806,00 cruzeiros, les statistiques relatives à l'année de 1943, montrent que ces mêmes impôts atteignent une somme double pour cette année, vu que jusqu'au mois d'octobre de cette même année les contributions atteignent déjà 960 534,70 cruzeiros.

L'auteur fait encore une distinction entre les ambulants "silencieux" et les "annonceurs" en subdivisant ces derniers en:

- a) ceux qui utilisent des instruments émetteurs de sons (avec ou sans musique), mais sans faire usage cependant de la voix humaine;

- b) ceux qui utilisent des instruments et la voix humaine;
- c) ceux qui emploient seulement la voix humaine, en lui donnant cependant des modulations particulières;
- d) ceux qui s'utilisent seulement de la voix humaine et dispensent les modulations.

Dans le dernier paragraphe de cet article, l'auteur s'occupe du stationnement des ambulants, lequel sert, pour ainsi dire, d'introduction à l'étude que le même auteur publiera prochainement dans cette revue sur les "foires libres"

RESUMEN

Entre las varias manifestaciones antropogeográficas del comercio, el autor busca enfocar solamente las del *comercio ambulante*, considerando todavía como "ambulantes", otras ocupaciones humanas que no tienen carácter comercial

Analisa, en seguida, cada uno de los aspectos bajo los cuales estudia en su artículo los ambulantes cariocas:

- a) naturaleza y clasificación de los servicios que hacen;
- b) horario de trabajo;
- c) edad, color, sexo y nacionalidad de los mercaderes;
- d) tipo de transporte empleado;
- e) tipo de pregón;
- f) restricciones legales a ese comercio;
- g) evolución histórica de los ambulantes (siendo que este último párrafo no es tratado en el presente artículo)

Presenta el autor las estadísticas de los ambulantes según el objetivo de sus actividades, llegando a apurar los siguientes números globales: ambulantes para artículos de alimentación, 6 136; para artículos de vestimenta, 675; para artículos de uso en la habitación, 523; para artículos de goce y para facilidad de la vida, incluyendo los de carácter social, como correos, basureros, estafetas, 6 747. En el total, los ambulantes de varias especies que tuvieron ocupación en el Distrito Federal en 1942 suben a 14 081. Clasificándolos por especie, se verifica que existen 3 915 entregadores de casas comerciales, 615 entregadores de leche y así en orden deciescente, según la tabla presentada en el cuerpo del artículo.

El *horario* de los ambulantes está sujeto a restricciones legales que el autor enumera y comenta. Según el *sexo*, hay en el momento actual predominio del elemento masculino, al contrario de lo que sucede en otros países, y mismo acontecía en Río en el período colonial y en el de la esclavitud. Cuanto a los *menores*, observa el autor que es imposible, por falta de estadísticas, indicar números exactos; indica, sin embargo, como ha llegado a calcular en más de 5 000 los menores empleados en el comercio ambulante. Cuanto a la *nacionalidad*, halla el autor que, de unos tiempos a esta parte, se está asistiendo acentuada evolución en el sentido de la renacionalización del ambulante carioca. Principalmente de negros en el período colonial y en el imperio, fué avasallado por el inmigrante (portugués, italiano, sirio y judío, en ese orden) y vuelve ahora para el mulato.

Cuanto a los *modos de transporte* se distingue el comercio ambulante de Río de los congéneres de otros países porque son en un por ciento muy elevado los que cargan ellos propios, en la cabeza o bajo el brazo, los artículos de venta o transporte. Los animales para carga, utilizados por los ambulantes de Río, son solamente el caballo y la mula, principalmente esta última. Pero el uno y la otra en número limitado. También es muy reducida la cantidad de esos animales en la tracción de vehículos. De estos, casi todos son mecanizados teniendo por agente motor: o la gasolina (automóviles), o la energía humana, es decir, son movidos por el propio pasajero (bicicletas, tricicles, etc.). En 1941 había 6 765 vehículos utilizados por ambulantes, excluyéndose de esa cuenta los automóviles porque no hay en las estadísticas indicaciones precisas acerca de las finalidades específicas en el licenciamiento de tales vehículos.

El impuesto de permiso para ambulantes, que en 1930 era de 500 806,00 cruzeiros, dobló en 1943, pues hasta octubre de ese año ya habían pagado 960 534,70 cruzeiros para tal fin.

El autor clasifica también los ambulantes según los *pregones*, dividiéndolos en "silenciosos" y "pregoneiros", y estos en:

- a) los que emplean instrumentos productores de sonido (musicales o no), pero desacompañados de la voz humana;
- b) los que utilizan instrumento y la voz humana al mismo tiempo;
- c) los que se valen solamente de la voz humana, pero dándole modulaciones características;
- d) los que pregonan con la palabra pero sin modularla.

El último párrafo del artículo se refiere a la estación y es como que la introducción de un otro estudio del mismo autor, a aparecer futuramente en la REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, acerca de las ferias.

RIASSUNTO

Tra le varie manifestazioni antropogeografiche del commercio, l'autore considera quelle di carattere ambulante, studiandole insieme con altre occupazioni, non commerciali, contrassegnate dallo stesso aspetto. Gli aspetti esaminati, con riferimento alle *occupazioni ambulanti nella città di Rio de Janeiro*, sono i seguenti: natura delle attività; orari di lavoro, colore, sesso, età e nazionalità degli ambulanti; mezzi di trasporto; modi di richiamo; restrizioni legali alle attività in esame. L'autore si propone di tracciare in un ulteriore studio l'evoluzione storica delle occupazioni ambulanti.

La statistica delle *occupazioni ambulanti*, distinte *secondo la loro natura*, dà, per il 1942, un totale di 14 081 occupati, dei quali 6 136 nel commercio di generi alimentari, 675 in quello di oggetti di vestiario, 523 in quello di oggetti di uso domestico, e 6 747 nel commercio di generi diversi e in servizi sociali (fattorini postali e telegrafici, raccoglitori di immondizie, ecc.) Tra gli occupati nelle consegne a domicilio, 3 915 servono case commerciali, 615 sono distributori di latte, ecc.

L'orario degli ambulanti è limitato da disposizioni legali, che l'autore espone e commenta.

Quanto al sesso, prevalgono gli uomini, al contrario di quel che si osserva in altri paesi, e come già accadeva in Rio sia nel periodo coloniale sia in quello della schiavitù.

Le statistiche non indicano la distribuzione per età degli ambulanti, ma l'autore crede di poter stimare a più di 5 000 il numero dei minorenni.

Quanto alla *nazionalità*, sembra evidente, da qualche tempo, la tendenza ad una progressiva nazionalizzazione delle occupazioni ambulanti. Esercitate principalmente dai negri nel periodo coloniale e in quello imperiale, divennero poi dominio degli immigranti (portoghesi, italiani, siriani ed ebrei, in quest'ordine), ma ora vanno ritornando in mano ai mulatti.

Quanto ai *mezzi di trasporto*, gli ambulanti di Rio si distinguono da quelli di altre città straniere, per l'alta proporzione di coloro che portano personalmente (sul capo, sulle spalle o a biaccia) i generi venduti o trasportati. Gli animali da soma, impiegati in piccolo numero, e quelli da tiro, ancor più scarsi, sono esclusivamente equini, per la maggior parte asini. Molti veicoli sono a propulsione umana — biciclette, tricicli, ecc.; ne esistevano 6 765 nel 1941 —; sono abbastanza numerosi anche quelli a propulsione meccanica — automobili — ma non si sa quanti siano, perchè non sono registrati a parte.

L'*imposta di licenza* per gli ambulanti, che nel 1930 rendeva 501 mila cruzeiros, nel 1943 ne aveva 180, soltanto fino al mese di ottobre, 961 mila.

Secondo il *modo di richiamo*, gli ambulanti si possono dividere in "silenziosi" e "rumorosi"; questi ultimi si possono suddividere, secondo che impiegano strumenti produttori di suono (musicali, o non) accompagnati, o non, dalla voce umana; o soltanto la voce, con o senza speciali modulazioni.

L'ultimo paragrafo, sulle stazioni degli ambulanti, serve di introduzione ad uno studio sulle fiere libere (mercati popolari organizzati dal commercio ambulante), che apparirà prossimamente in questa Rivista.

SUMMARY

Among the various anthropogeographical manifestations of commerce the author tries to focus just the one regarding peddlery, however considering as such other occupations which have no commercial feature.

Next the author analyses each of the features under which he faces the peddlers or hawkers of Rio and their goods:

- a) nature and classification of the services they render;
- b) working hours;
- c) age, colour, sex and nationality of peddling traders;
- d) type of transportation used;
- e) kind of outcry;
- f) legal restrictions to such trade;
- g) historical evolution of peddlery and hawking; (the latter item, however, is not covered by the present article)

The author presents the statistics concerning peddlers and hawkers according to the *objective of their activities* and comes to disclose the following figures as a whole: peddlers for foodstuff — 6,136; for clothing articles — 675; for housekeeping articles — 523; for amusement and for comfort objects — those for social character as, postmen, garbage collectors and messengers included — 6,747. The peddling traders of the various classes who had an occupation in the Federal District in 1942 were 14,081 in number. Classifying them by sorts, the author verified that there existed 3,915 business-house employees for making deliveries, 615 employed for delivering milk, and so on in a decreasing order in accordance with the table in the article.

The *working hours* kept by peddlers or hawkers are subject to legal restrictions which are pointed out by author and accompanied by his commentaries. As to *sex*, at present males are prevalent, this being the contrary of what happens in other countries, and even with the situation as it was in Rio de Janeiro in both colonial and slavery times. As regards *minors*, the author noticed that due to the lack of statistics it would be impossible to show exact figures; he tells however in what way he has been able to estimate at over 5,000 the number of minors employed in peddling commerce. Concerning *nationality*, the author believes that for some time in recent years a steady evolution has been visible with a view to nationalizing Rio de Janeiro commerce of peddlers again. Predominantly composed of negroes in colonial and empire days, it was later held by the immigrants (Portuguese, Italians, Syrians and Jews, in this order) and is now going into the hands of the mulatto.

As to *transportation means*, Rio de Janeiro peddling commerce distinguishes from the similar ones in other countries on account of the very high percentage of those carrying themselves the goods they sell or deliver either on their heads or under their arms. As to animals used in Rio de Janeiro on the side of peddlers and hawkers for carrying merchandise, these are just the horse and the donkey, mainly the latter. Both, however, on a small number. The quality of such animals used for pulling vehicles is likewise exceedingly small. These are almost all mechanized, their agents being the motor, or gasoline (motor cars) or human power, i.e., they are moved by their own passengers (bicycles, tricycles, etc.). In 1941 there were 6,765 vehicles used by peddling traders, not including the motor cars because on statistics no exact information is found about the specific aims in the items covering licenses for such vehicles.

The license tax for peddlers and hawkers which in 1930 was as high as Cr\$ 500,806 00 had doubled in 1943, since up to October of that year 960,534 70 cruzeiros had already been paid up for that purpose.

The author has also classified the peddling traders according to the outcry, distinguishing same in "silent" and "aloud" and the latter ones again in:

- a) those using sound producing instruments, either musical or not, but not accompanied by human voice;
- b) those making use of both instruments and human voice;
- c) those who use just human voice, giving it, however, a characteristic modulation;
- d) those offering their goods aloud, but without modulating their words.

The last paragraph of the article refers to stationary and may be looked at as being introductory of another study by the same author, to be published on a later date in *Revista Brasileira de Geografia* on — "feiras-livres" (street markets).

ZUSAMMENFASSUNG

Innerhalb der verschiedenen antropogeographischen Äusserungen des Handels versucht der Verfasser nur den hausierenden Handel festzulegen; er zieht jedoch in diesen "hausierenden" Handel auch andere Beschäftigungen die nichts mit Handel zu tun haben, trotzdem sie von Haus zu Haus ausgeübt werden.

Dann analysiert er die einzelnen Anblicke unter denen die verschiedenen Hausierer der Bundeshauptstadt qualifiziert werden können:

- a) Die Natur und Klassifikation der Dienste welche sie leisten;
- b) Die Stunden der Arbeit (Arbeitszeit);
- c.) Alter, Rasse, Geschlecht und Nationalität der Händler;
- d) Die Transportweise;
- e) Die Art der Anpreisung der Ware;
- f) Die legalen Behinderungen welche diese Art des Handels unterworfen sind
- g) Die geschichtliche Entwicklung der Hausierer (dieser Punkt wird jedoch in dem gegenwärtigen Artikel nicht berührt)

Dann führt der Verfasser die Statistik der Hausierer gemäss dem *Objekte ihrer Tätigkeiten* an und kommt zu folgenden Ziffern: Hausierer in Lebensmitteln — 6 136; in Kleiden, etc — 675; in Artikeln für den Hausgebrauch — 523; in Luxusartikeln und in Tätigkeiten die das Leben erleichtern, — 6 747. In die letztere Gruppe nimmt der Verfasser auch die Briefträger, Abfallabholer, Austräger usw. Insgesamt kam in Jahre 1942 die in dieser Art Tätigkeit beschäftigten Personen im Federal-Distrikt auf 14 081. Nach der Art der Arbeit eingeteilt gab es 3 915 Austräger der Geschäftshäuser; 616 Austräger für Milch und so weiter in abnehmender Nummer wie aus der beiliegenden Tabelle eesehen werden kann.

Die *Arbeitszeit* der Hausierer untersteht gewissen Gesetzen, welche der Verfasser aufzählt und begründet. Die meisten Hausierer gehören dem männlichem *Geschlecht* an, im Gegensatz zu anderen Ländern und zu Rio zur Zeit der Sklaven und als Brasilien noch Kolonie war. Um von den *Minderjährigen* zu sprechen, sagt der Verfasser, das es nicht möglich sei, genaue Daten zu veröffentlichen, da es an Statistiken fehlt, meint jedoch, dass man die Zahl von über 5 000 Minderjährigen annehmen kann, welche in dieser Art des Handels beschäftigt sind.

Um auf die *Nationalität* der verschiedenen Hausierer zu kommen, glaubt der Verfasser behaupten zu können, dass sich seit einiger Zeit wieder eine starke Nationalisierung bemerkbar macht. In der Zeit Brásiliens als Kolonie war der Neger in dieser Art des Handels vorherrschend und während des Kaiserreichs wurde er von den Imigranten (Einwanderern) (Portugiesen, Italiern, Siriern und Juden, in dieser Reihenfolge) ausgeübt um jetzt wieder mehr von dem Mulatten beherrscht zu werden.

Dann kommt er auf die *Transportmöglichkeiten* zu sprechen, und stellt fest dass sich dieser Handel in Rio von dem selben in anderen Ländern sehr unterscheidet dadurch dass der Prozentsatz der Personen, die selber ihre Ware auf dem Kopf oder unter dem Arm tragen sehr gross ist. Die Tiere die von den Hausierern gebraucht werden, sind nur das Pferd und besonders der Maulesel und Esel; beide jedoch in nur sehr begrenzter Zahl. Dieselbe Begrenzung gilt auch für das Ziehen irgendwelcher Wagen. Diese sind auch meist durch menschliche Energie (Rad, Dreirad, usw) oder Motorkraft getrieben (Autos usw). Im Jahre 1941 gab es 6 765 Fuhrwerke, die von Hausierern benutzt wurden, in dieser Zahl sind nicht die Automobile mit einbegiffen, denn es gibt in den Statistiken keine genauen Angaben über den genauen Gebrauch der Autos, wenn man die Erlaubnisse für einen Wagen einholt.

Die Steuer der Erlaubnis zur Ausübung dieser Art des Handels welche im Jahre 1930 500 806 000 Cruzeiros betrug, hatte sich im Jahre 1943 verdoppelt, denn bis Oktober 1943 waren schon für die respektiven Erlaubnisse 960 534,70 Cruzeiros gezahlt worden.

Der Verfasser teilt auch die Hausierer in "stille" und "laute" Hausierer ein, je nachdem wie dieselben ihre Ware anpreisen:

- a) die, welche Instrumente, jedoch nicht die menschliche Stimme gebrauchen;
- b) die, welche sowohl Instrumente musikalischer Art wie auch die menschliche Stimme gebrauchen;
- c.) die, welche nur die menschliche Stimme gebrauchen, wobei sie jedoch besondere Töne und Spiechweise benutzen;
- d) die, welche mit Worten, jedoch ohne besondere Töne, ihre Ware anpreisen.

In dem letzten Absatz erwähnt der Verfasser noch das Anhalten der Hausierer und dient dieser Absatz zur Einleitung einer anderen Studie desselben Verfassers über die *freien Märkte*, die in einer späteren Nummer der *Brasilianischen Zeitschrift für Erdkunde* veröffentlicht werden wird.

RESUMO

En la diversaj antropogeografiaj manifestadoj de la komerco la aŭtoro serĉas enfokusigi apenaŭ tiun de la *lokŝanĝa komerco*, tamen konsiderante kiel "lokŝanĝajn" aliajn homajn okupojn, kiuj ne havas komercan trajton.

Poste li analizas ĉiun el la aspektoj, laŭ kiuj li rigardas en sia artikolo la lokŝanĝulojn el Rio de Janeiro, nome:

- a) naturo kaj klasiko de la plenumataj servoj;
- b) labora hortabelo;
- c) aĝo, koloro, sekso kaj nacieco de la lokŝanĝ-vendistoj;
- d) tipo de la adoptita transporto;
- e) tipo de reklamo;
- f) leĝaj limigoj al tiu komerco;
- g) historia evoluado de la lokŝanĝuloj (Tiu ĉi paragrafo ne estas traktata en tiu ĉi artikolo).

La aŭtoro prezentas la statistikojn de la lokŝanĝuloj, laŭ la *celo de iliaj aktivecoj*, per kiuj li konstatis la jenajn globajn ciferojn rilatajn al: lokŝanĝuloj por la nutraj artikoloj, 6 136; por vestartikoloj, 675; por hejme uzataj artikoloj, 523; por artikoloj de ĝuo kaj vivfacileco, inkluzive de tiuj je socia karaktero, kiel letportistoj, balaajistoj, kurieroj, 6 747. Sume, la diversecaj lokŝanĝuloj, kiuj havis okupon en la Federacia Distrikto en 1942 atingas la nombron 14 081. Oridigante ilin laŭ speco, li konstatis, ke ekzistas 3 915 fiimaj liverantoj, 615 laktliverantoj kaj ceteraj, kiuj figuras en listo prezentita de la aŭtoro en sia artikolo.

La hortabelo de la lokŝanĝuloj estas dependa de leĝaj limigoj, kiujn la aŭtoro laŭvicnomas kaj komentarias. Laŭ la sekso, superas la vira elemento, kontinue al tiu, kiu okazas en aliaj landoj kaj eĉ okazis en Rio de Janeiro dum la kolonia kaj sklaveca periodoj. Rilate al neplenaĝuloj, rimarkas la aŭtoro, ke estas neeble, pro manko de statistikoj, prezenti ekzatajn ciferojn, sed li montas kiel li sukcesis estimi je pli ol 5 000 neplenaĝuloj, kiuj servas en la lokŝanĝa komerco. Pli la nacieco, la aŭtoro pensas, ke oni observas, lasstemp intensan evoluon direkte al la renacionaligo de la karioka lokŝanĝulo. Dum la kolonia kaj imperia periodoj superis en tiujservoj la migruloj, sed iom post iom ilin superadis la enmigrinto (laŭvice, portugalo, italo, siriano kaj judo) kaj nun atingadas la supelecon la mestizoj.

Rilate al la *transport-manieroj*, la lokŝanĝa komerco en Rio de Janeiro diferencas de la samspeca en aliaj landoj, ĉar estas procente tro foita la nombro de tiuj, kiuj memkunportas, sur la kapo aŭ sub la brako, la vendaĵn aŭ transportajn artikolojn. La ŝarĝbestoj uzataj de la lokŝanĝuloj en Rio de Janeiro estas nun la ĉevalo kaj, precipe, la azeno, sed ambaŭ en

limigita nombro Estas ankaŭ tio malgranda la kvanto de tiuj bestoj uzataj por tiri veturilojn. Preskaŭ ĉiuj ĉi estas meĥanigitaj kaj havas kiel motoron: aŭ benzinon (aŭtomobiloj), aŭ homan energion, tio estas, ili estas movataj de la propra pasaĝero (bicikloj, tricikloj, kc). En 1941 estis 6 765 veturiloj utiligataj de la lokŝanĝuloj en Rio de Janeiro. En tiu ĉi nombro ne estas kalkulataj la aŭtomobiloj, ĉar en la statistikoj ne estas precizaj indikoj pri la specaj celoj.

La permesimposto por lokŝanĝuloj, kiu en 1930 sumis Cr\$ 500 806,00, duobliĝis en 1943, ĉar en la lasta oktobro oni jam estis pagintaĵ por tiu celo la sumon de Cr\$ 960 534,70.

La aŭtoro klasigas ankaŭ la lokŝanĝulojn laŭ la *reklamoj*, kiujn ili distingas kiel "silentaĵn" kaj "kriantaĵn", kaj tiujn ĉi, laŭjane:

- a) tiujn, kiuj utiligas instrumentojn sonproduktantajn (muzikajn aŭ ne), sen homa voĉo;
- b) tiujn, kiuj utiligas instrumenton kaj samtempe la homan voĉon;
- c) tiujn, kiuj uzas nur la homan voĉon, sed kun karakterizaj moduladoj;
- d) tiun, kiu reklamas per la parolo, sed ne ĝin modulante.

La lasta alieno de la artikolo rilatas al la stadiado kaj estas kvazaŭ la antaŭparolo de alia studo de la sama aŭtoro, aperonta sur la *Brazila Revuo de Geografio*, pri la *liberaj fotoj*. uzado de ĉiu veturilo.